

CHAPEUZINHO AMARELO: A SUBVERSÃO DO MITO

Nirley A. Oliveira

(Trabalho apresentado no curso de Graduação em Letras "Introdução à Semiótica", ministrado no primeiro semestre de 1989, pela Profª Vera Casa Nova.)

I. INTRODUÇÃO

Segundo Roland Barthes, o mito é um discurso; um modo de significação criado a partir da apropriação de objetos do mundo material.¹ A função principal do mito é, portanto, transformar história em natureza — uma imagem provocando naturalmente um conceito instituído.

O que pretendemos evidenciar através do nosso trabalho é esse caráter ideológico do mito, mostrando quão falsa é a relação de causalidade que ele deixa transparecer. Para tanto escolhemos o livro CHAPEUZINHO AMARELO,² de Chico Buarque de Holanda, como objeto de nossa análise. Trata-se de um texto que exemplificará, de forma marcante, como pode se dar o processo de desconstrução do mito.

¹ BARTHES, ROLAND. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Difel. 1980.

² HOLANDA, CHICO BUARQUE DE. *Chapeuzinho Amarelo*. São Paulo. Círculo do Livro.

II. MITO: UM DISCURSO IDEOLÓGICO

O mito tem como princípio básico transformar uma intenção histórica (ideológica) em uma verdade natural. Ele é construído para ser consumido como um sistema fatal. Desta maneira ele atinge o seu objetivo preciso, qual seja: imobilizar o mundo. Assim, a todo instante, o homem é bloqueado pelos mitos; estes remetem-no ao protótipo imóvel que vive por ele, no seu lugar, que o sufoca como um imenso parasita interno e determina os limites estreitos da sua atividade. É assim que a ideologia camufla ininterruptamente a perpétua fabricação do mundo. Construída sobre preconceitos básicos, ela consolida as suas proposições em termos de padrão e verdade. Inventariando os seus bens, embalsamando-os e injetando-os no real, a ideologia impede a transformação, a fuga para outras formas de existência. Daí a sociedade juntar criança, louco e artista — os que não se deixam dominar tão facilmente pelas regras sociais vigentes — num mesmo grupo, chamado ora de inocente, ora de alienado. Passam a existir, então, as pessoas ajuizadas, de bom senso, e as pessoas loucas, sem juízo.

É exatamente esta realidade que encontramos em **Chapeuzinho Amarelo**, ou seja, uma imposição massificante de valores sociais, camuflados sob a ingênua aparência do mito. Através do mito do BOM SENSO a ideologia dominante exercerá ali todo o seu potencial de controle. Em nome desse BOM SENSO, a sociedade — personificada na figura do adulto — colocará em prática o seu poder de coerção, de modo a impedir qualquer tentativa individual de transformação do mundo. E a criança aparece ali como o principal alvo desta dominação. Ser ainda não “adaptado”, e por isso mesmo capaz de propor novos sistemas de pensamento, novas maneiras de ver o mundo, ela obviamente representa uma real ameaça à ordem instituída.

Percebe-se, desde o início do texto de CBH, a relação de dominação existente entre adulto e criança. Chapeuzinho Amarelo não é reconhecida como pessoa, como um ser capaz de agir pelas próprias idéias; aparece como um “arremedo” de ser,

guiado e levado a agir de acordo com os padrões estabelecidos pelo adulto. Vê-se este processo de dominação a que é submetida Chapeuzinho Amarelo através da lista infundável dos seus medos. Uma lista toda ela construída em função de valores estereotipados de bem e mal/permitido e proibido. Evidentemente, esses valores não nasceram com Chapeuzinho; eles foram “assimilados” no convívio social, retirados do discurso da ideologia dominante.

“Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarela de medo.
Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.
(...)”

Tinha medo do trovão.
Minhoca, para ela, era cobra.
E nunca apanhava sol
porque tinha medo da sombra.
Não ia pra fora pra não se sujar.
Não tomava sopa pra não ensopar.
Não tomava banho pra não descolar.
Não falava nada pra não engasgar.
Não ficava em pé com medo de cair.
Então vivia parada,
deitada, mas sem dormir,
com medo de pesadelo.
(...)”

E de todos os medos que tinha,
o medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.”

Através deste fragmento é possível constatar que a introjeção de valores por parte de Chapeuzinho pode ser traduzida numa única palavra: MEDO. Nada mais lógico, tendo em vista que este sentimento representa a própria essência do processo de ajustamento da criança aos padrões vigentes. É através do medo que a sociedade instala o freio que impede a Criação.

Para entender melhor tal processo, podemos recorrer a Freud. Ele nos mostrou que o ser humano vive sob dois prin-

cípios básicos: o princípio do prazer e o princípio da realidade. Regidos pelo princípio do prazer estariam os desejos do homem, seus instintos, sua sexualidade, sua ânsia de vida plena. Sob o domínio da realidade estariam justamente as formas de controle de tais instintos pelas instituições sociais. Segundo sua tese, toda civilização implica a submissão do princípio do prazer ao princípio da realidade. Assim as potencialidades do ser humano seriam reprimidas, recalcadas para que ele pudesse viver em grupo.³

Pois bem, à ideologia dominante interessa o princípio da realidade: o controle dos instintos do homem. Por isso é tão importante que as pessoas sejam ajuizadas, tenham BOM SENSO. Juízo e bom senso se ligam à ajustamento aos padrões, ou seja, pessoa de bom senso é aquela que age de acordo com os valores da sociedade em que vive; as outras são loucas, irresponsáveis, preguiçosas etc. Concluimos então que a submissão está do lado do senso comum, do bom senso ditado pela ideologia dominante; e a liberdade está relacionada ao não-senso.

Por este caminho podemos entender a situação de medo vivida por Chapeuzinho. Ela assimilou os valores; introjetou as censuras do sistema social; não teve liberdade nem para criar os seus próprios medos, até esses foram fabricados pelo elemento dominador.

“O medo mais que medonho
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe,
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.
Mesmo assim a Chapeuzinho
tinha cada vez mais medo.”

³ MARCUSE, HERBERT. Eros e Civilização — uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro. Zahar.

Somente através do amedrontamento seria possível imobilizar o potencial criativo de Chapeuzinho e moldar o seu comportamento de modo a que ele se enquadrasse nos padrões ditados pelo mito do BOM SENSO. Assim como dissera Freud: ao poder dominante interessa apenas o homem que vive dentro do princípio da realidade — coibido no seu direito de experimentar o mundo e propor novas formas de pensamento.

II. A TRAVESSIA: DO MITO COMO FALA CRISTALIZADA AO MITO COMO SISTEMA SEMIOLÓGICO

Está claro que o mito é uma forma de alienação, que determina os limites da nossa existência e impede toda forma de Criação. Mas mesmo diante de todo esse poder é preciso descobrir maneiras de dominá-lo, de subvertê-lo.

É esta atitude de subversão que veremos em **Chapeuzinho Amarelo**. Mesmo imobilizada pelas forças de sustentação do mito, a menina mostrou-se capaz de libertar-se da clausura que ele impunha. Vejamos como se efetuou esse processo.

Vivendo dentro de uma realidade criada pelo adulto — de acordo com o modelo exigido pela ideologia dominante, ou seja, a plena observância das normas de comportamento condizentes com o BOM SENSO —, Chapeuzinho interiorizou o medo que lhe fora imposto. O medo tão valorizado pela sociedade que pretende o controle dos indivíduos.

No entanto, mesmo acuada, Chapeuzinho trazia latente dentro de si o desejo de derrubar essa barreira que a impedia de fabricar o próprio mundo. Mais que o desejo, ela trazia consigo a intuição de que poderia desmascarar essa realidade falsa. Por isso ela se fixava tanto na figura do LOBO — a personificação de todos os seus outros medos. Como convém a uma menina "ajuizada", Chapeuzinho cumpria o seu dever de temer o lobo mau. Mas, lá no fundo, discordava de tal imposição, uma vez que não entendia bem por que deveria sentir medo de algo que nunca se via, de um LOBO que ela nem sabia se existia.

“(...)
era o medo do tal do LOBO.
Um LOBO que nunca se via,
que morava lá pra longe
do outro lado da montanha,
num buraco da Alemanha,
cheio de teia de aranha,
numa terra tão estranha,
que vai ver que o tal do LOBO
nem existia.”

Vê-se que Chapeuzinho refere-se ao lobo situando-o numa posição extremamente distante do seu universo: era o “tal do LOBO”, “que morava lá pra longe”, “numa terra tão estranha”. Isso comprova que Chapeuzinho intuía sobre a artificialidade do sentimento que manifestava. E foi essa “consciência” do processo de dominação a que estava submetida que permitiu à Chapeuzinho partir em direção ao desvelamento do mistério do LOBO.

A partir desse momento, o que se vê é uma Chapeuzinho Amarelo ansiosa por encontrar o LOBO. Somente assim poderia provar para si mesma que o medo não tinha razão de ser.

“E Chapeuzinho Amarelo,
de tanto pensar no LOBO,
de tanto sonhar com o LOBO,
de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele.”

Finalmente chegava Chapeuzinho ao momento tão esperado: o encontro com o LOBO. E ao enfrentá-lo perdeu todo o medo que tinha, pois apesar do carão de LOBO, do olhão de LOBO, do jeitão de LOBO, ele não era assustador. Começa a se operar então o processo de desconstrução do mito.

“de tanto esperar o LOBO,
um dia topou com ele
que era assim:
carão de LOBO,
olhão de LOBO,

jeitão de LOBO
e principalmente um bocão
tão grande que era capaz
de comer duas avós,
um caçador, rei, princesa,
sete panelas de arroz
e um chapéu de sobremesa.
Mas o engraçado é que,
assim que encontrou o LOBO,
a Chapeuzinho Amarelo
foi perdendo aquele medo
de um dia encontrar um LOBO.
Foi passando aquele medo
do medo do medo que tinha do LOBO.
Foi ficando só com um pouco
de medo daquele lobo.
Depois acabou o medo
e ela ficou só com o lobo.”

Rebelando-se contra os padrões de comportamento, Chapeuzinho decidiu encarar e conhecer de perto a realidade da qual tinha tanto medo. E ao enfrentar essa realidade descobriu que ela era uma farsa: aquele LOBO enorme, ameaçador e poderoso só existia para as pessoas que o aceitavam assim. Diante dos seus olhos o que havia era um lobo que não causava medo, um lobo que não era mais forte que ela. O lobo fora desmascarado.

“O lobo ficou chateado
de ver aquela menina
olhando pra cara dele,
só que sem o medo dele.
Ficou mesmo envergonhado,
triste, murcho e branco azedo,
porque um lobo, tirado o medo
é um arremedo de lobo.
É feito um lobo sem pelo.
Lobo pelado.”

Abalado na sua autoridade, o lobo reage e lança mão de todos os recursos possíveis para intimidar aquela menina que ousava não temê-lo. Como instrumento ideológico que era, o

lobo não podia agir de outra forma: tentar manter a todo custo o sentimento de medo que dava sustentação à sua existência. Para que a classe dominante alcance o seu intuito de eternizar-se no poder é necessário que haja verdades eternas, valores eternos. O questionamento de qualquer uma dessas verdades representa o abalo das estruturas do sistema de dominação. Por isso a ordem intuída “grita” e “berra” a sua autoridade diante de quem ousa negá-la.

“E ele gritou: sou um LOBO!
Mas a Chapeuzinho, nada.
E ele gritou: sou um LOBO!
Chapeuzinho deu risada.
E ele berrou: EU SOU UM LOBO !!!

(...)

E ele então gritou bem forte
aquele seu nome de LOBO
umas vinte e cinco vezes,
que era pro medo ir voltando
e a menininha saber
com quem não estava falando:
LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO
LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO
LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO-LO-BO...”

Chega-se, enfim, à concretização do processo de desconstrução do mito. Diante daquela desesperada repetição do nome LOBO, Chapeuzinho acha o caminho para promover o real desmornamento da construção mítica. Através de uma operação lúdica, Chapeuzinho transforma o elemento amedrontador em realidade de prazer: O LOBO torna-se BOLO.

“Aí Chapeuzinho encheu e disse:
“Pára assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!”
E o Lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO
Era um BO-LO.”

A atitude de Chapeuzinho vem confirmar a tese de R. Barthes a respeito do processo de desconstrução do mito. Segundo ele, “a melhor arma contra o mito é talvez mitificá-lo a ele próprio, é produzir um mito artificial; bastará, para isso, colocá-lo como ponto de partida para uma outra cadeia semiológica”.⁴ Portanto é no jogo de significantes que a subversão do mito torna-se possível. Uma vez que todo mito é uma forma de significação, somente a partir de uma prática semiótica podemos nos livrar da camisa-de-força que ele nos impõe. É preciso arrancar do mito a sua máscara de absolutismo, de sentido único a ser plenamente assimilado, e transformá-lo em uma unidade geradora de novos sentidos.

Mallarmé é também outro teórico que defende a idéia de que somente através do trabalho com o significante é que a desconstrução do logocentrismo do signo/mito torna-se possível. É ele quem nos diz: “A palavra nada tem a ver com unidade léxica portadora de um sentido. A mobilidade do elemento fônico existente no seu interior acaba por expulsar o sentido único, que passa a soar como múltiplo, infinito”.⁵ É exatamente este processo que vemos em Chapeuzinho Amarelo: desconstruindo, intercambiando os fonemas constituintes do significante, ela criou um sentido novo para aquele signo que parecia absoluto — o “LOBO” passou a ser “BOLO”.

No entanto este processo de subversão do logocentrismo mítico de que nos falamos Barthes e Mallarmé exigirá sempre uma atitude de coragem e luta por parte de quem se dispuser a efetuar-lo, assim como ocorreu com Chapeuzinho Amarelo.

Isto se dá porque, conforme vimos, a desconstrução do mito traduz sempre um potencial criador, renovador. E, por ser assim, incomoda e abala a ordem instituída, que buscará a todo custo impedir tentativas desta natureza. É aquilo a que Nietzsche

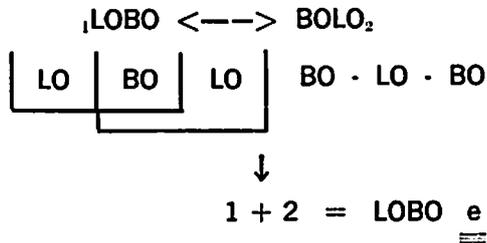
⁴ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro, Difel. 1980.

⁵ KRISTEVA, JULIA. Alguns problemas de Semiótica Literária a propósito de um texto de Mallarmé. In: Greimas, A. J. (Org.). *Ensaio de Semiótica Poética*. São Paulo. Cultrix. 1976.

chamou de “relação de forças”: “uma força age e afirma, outra reage e nega. Porém é deste jogo que deriva toda Criação — revela-se a unidade de todo que é múltiplo, de um ser que é devir”.⁶ Vejamos esse quadro em *Chapeuzinho Amarelo*:

Força 1 - Senso Comum - LOBO

Força 2 - C. Amarelo - BOLO



Chapeuzinho Amarelo desmascarou o lobo e pôs fim ao absolutismo do discurso mítico; descobriu dentro do signo que o representava uma nova possibilidade de mensagem — a multiplicidade de sentidos que todo signo contém. E a partir daí pôde, por si só, interpretar e experimentar o mundo de acordo com os seus próprios desejos.

“Chapeuzinho não comeu
aquele bolo de lobo,
porque sempre preferiu
de chocolate.
Aliás, ela agora come de tudo,
menos sola de sapato.
Não tem mais medo de chuva
nem foga de carrapato.
Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepa em árvore rouba a fruta
depois joga amarelinha

⁶ NIETZSCHE, F. Par delà bien et mal. In: Pandolfo, Maria do Carmo. *Subterrâneos do Texto*. Rio de Janeiro.

com o primo da vizinha,
com a filha do jornalista
(...)

Mesmo quando está sozinha,
inventa uma brincadeira.
E transforma em companheiro
cada medo que ela tinha:
o raio virou orrái,
barata é tabará,
a bruxa virou xabru
e o diabo é bodiá.”

III. CONCLUSÃO

“O que a mitologia pretende é uma concordância com o mundo, não tal como ele é, mas tal como a ideologia quer que seja. Ao homem é permitido sofrer sem modificar o mundo: a pseudo-physis burguesa proíbe radicalmente o homem de inventar-se”.¹ Essa fala de R. Barthes resume tudo o que procuramos dizer neste trabalho a respeito da natureza dos mitos.

O nosso objetivo principal foi evidenciar esse caráter ideológico dos mitos — um discurso criado com o fim de imobilizar o mundo — e mostrar possíveis formas de invalidar tal dominação. A história de Chapeuzinho Amarelo pareceu-nos o exemplo mais contundente de uma prática de desconstrução do mito. É a menina que não aceitou consumir passivamente as verdades absolutas, que não suportou viver de acordo com o modelo de bom comportamento ditado pela sociedade através dos mitos. Em lugar da opressão imposta pelo senso comum, ela preferiu viver a alegria, a liberdade de inventar o próprio mundo.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

1. CHAUI, MARILENA. O que é ideologia. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense.
2. ———— Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas. São Paulo. Editora Moderna.